

DESORDEM PÚBLICA E MORAL: sociedade, patrimonialismo e ambição no conto *A Nova Califórnia*

Valdinei José Arboleya*
Rita Felix Fortes**

RESUMO: Partindo das discussões sobre patrimonialismo, baseadas em Holanda e Faoro e de cultura política e ordenamento social, de Fernandes, objetiva-se, neste estudo, analisar a forma pela qual Lima Barreto captura temas sociais e políticos transformando-os em material estético no conto “A nova Califórnia”. A proposta de análise aqui pretendida compartilha do princípio de que a literatura é capaz de captar aspectos da realidade social e histórica sem, contudo, deixar de se constituir enquanto criação estética e artística. O conto em análise permite apreender aspectos peculiares do contexto político da Belle Époque brasileira recriados literariamente. É este contexto, enquanto recorte e categoria de análise, que se busca perceber no conto, aqui tomado enquanto produção artística e literária.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimonialismo; Poder; Literatura; Sociocrítica.

ABSTRACT: Starting from the discussion about patrimonialism, developed around theoretical studies of Holanda and Faoro and about political culture and social planning, in Fernandes, this paper aims to analyze the way in which Lima Barreto apprehends social themes and recreates these same themes literarily, as aesthetic elements in the tale “A nova California”. This analysis starts from the assumption that literature is able to capture social and historical aspects of reality without leaving to be creating artistic and aesthetic. The tale in analysis allows capturing political context’s aspects Brazilian Belle Époque, recreated literally. It's based on this context, while analysis category that we seek to understand the story like an artistic and literary production.

KEYWORDS: Patrimonialism; Power; Literature; Social Criticism.

* Mestrando em Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. E-mail: vjarboleya@hotmail.com.

** Pós-Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras (Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. E-mail: rffortes@yahoo.com.br.

1. INTRODUÇÃO

O ordenamento social e econômico do Brasil no período correspondente à Primeira República revela um país diante de um projeto de reajuste social. Desvela-se, nesse momento histórico, o interesse pela instituição de um ideal de nação, enquanto projeto político, que tenta ganhar corpo e espaço em meio à decadência intelectual e à manutenção do *status*. Estabelece-se nesse momento, um jogo de forças políticas que divide o país em dois polos de enfretamento: o polo da tradição, calcado nos interesses das oligarquias rurais e o da modernidade, fundamentado nos interesses revolucionários da burguesia abastada. O pano de fundo sobre o qual se descortina esse movimento desvela o interesse pela manutenção das relações patrimoniais.

Nos termos de Faoro (1985), descortina-se nesse momento uma situação na qual a burguesia alimentava o anseio pela instauração de uma nova ordem social, pautada no modelo de civilização cosmopolita dos centros europeus, ao passo que as oligarquias manifestavam o claro desejo de manutenção do poder e do *status*.

Esse cenário de singularidades político-sociais é percebido e captado simbolicamente por Lima Barreto, que o transforma em elemento estrutural da narrativa no conto *A nova Califórnia*, que se pretende analisar neste estudo. Busca-se apresentar e discutir a forma pela qual o autor captura simbolicamente aspectos da situação sociopolítica do Brasil durante a Primeira República.

O conto aborda a moral social como temática central em meio à animosidade das disputas políticas e ideológicas acima assinaladas, satirizando as estratégias inconsequentes empregadas pelos homens para a manutenção do

poder e pela busca por dinheiro. Além deste aspecto, corolário do ambiente social e político que Lima Barreto demarca no conto, nota-se, também, a crítica evidente à precariedade da ordem política, matizada por burlas e engodos empregados no intuito de ocultar crimes e ilegalidades cometidos pelo governo em nome da manutenção do poder.

Partindo desse panorama elementar, o presente trabalho adota como foco analítico a tentativa de perceber no conto supracitado a forma pela qual o autor recria e representa simbólica e esteticamente aspectos da vida política e social do Brasil na Primeira República e como estes aspectos são ironicamente trabalhados, enquanto elementos literários, sem, contudo, abandonar o terreno da crítica às condições sociais e morais dos meandros políticos.

A abordagem dada à obra em estudo compartilha de conceitos da teoria social, utilizados como estratégia metodológica, para perceber os ideais que fundamentam a crítica social presente na estrutura da narrativa. Acerca deste aspecto, é mister assinalar que a obra de Lima Barreto (1881-1922) é estruturalmente marcada, conforme Sevcenko (2003), pelo engajamento social, circunstancialmente voltada à crítica contra a intelectualidade política dirigente do país. Por esta marca, o autor está notoriamente inscrito entre os grandes críticos da Primeira República brasileira o que, contudo, não permite que sua obra literária seja tomada como verdade histórica, mas como criação estética que é parte integrante da verdade histórica por tomar dela fatos sociais e históricos transformando-os em elemento estruturante da narrativa.

2. CULTURA E SOCIEDADE: O CONTEXTO DO CONTO

O conto *A nova Califórnia* é uma destas criações literárias que desvela a habilidade de Lima Barreto em transformar angústias sociais, tensões políticas e aspectos da cultura em material estético para a produção literária. Partindo desse aspecto, a análise aqui proposta procura associar estas questões percebidas no conto aos pressupostos teóricos de pensadores sociais que fomentaram intensa pesquisa acerca da formação do Estado brasileiro, no sentido de perceber como a literatura como forma de arte soube capturar esses aspectos. É importante ressaltar que, de acordo com Holanda (1978, p. 137) a arte possui uma missão e um engajamento social que a torna uma “forma de compensação e redenção própria de Lima Barreto.” É por meio dessa abordagem literária que o artista apresenta uma visão caricaturesca do Brasil, criando personagens que endossam a ideia de um país em que a burla e o engodo tomam, frequentemente, o lugar do mérito pessoal:

O dinheiro e o prestígio andam sempre associados a alguma insondável burla, de modo que são os mais desprezíveis, os menos dominados por escrúpulos de ordem moral, aqueles que de fato sobem e vencem. Todas as coisas andam, assim, fora dos seus lugares e não há jeito de consertá-las. Resta o recurso supremo à Arte, onde os humildes podem entrar no reino dos Céus, sem largar seu subúrbio, e os orgulhosos são fatigados como bem merecem. (HOLANDA, 1978, p. 141).

A paisagem nacional oferecida no conto *A nova Califórnia* permite vislumbrar um país no qual a riqueza “nunca é fruto do trabalho honesto e lento” (HOLANDA, 1978, p. 141). Essa visão nos reporta às teorias sociais que debatem a forte presença da cultura patrimonial e da política personalista na formação do Estado Nacional. Por meio delas, delimitaram-se as categorias de análise articuladas nesse estudo, em especial, as considerações teóricas de Faoro

(1985), Holanda (1995), Fernandes (1975) e Grasmci (1982), a partir das quais se buscou desenvolver os conceitos de patrimonialismo, formação do Estado Nacional, luta de interesses políticos, dominação popular e jogo de interesses. É importante esclarecer que as abordagens teóricas acima assinaladas não se constituem em pares analíticos de plena harmonia, contudo, as leituras favorecidas por estas obras permitem capturar uma ideia de Brasil que é justamente a pretendida por Lima Barreto no conto, ampliando assim, as possibilidades de demonstrar a forma pela qual a literatura transfigura o real e o apreende no plano estético e simbólico, assumindo nesse processo a força criadora que Bourdieu (1996) atribuiu-lhe em *As regras da Arte* obra na qual salienta que a arte é uma estrutura simbólica decisiva na análise da sociedade, pois os símbolos com os quais opera revela a coesão social e a organização da sociedade e são instrumentos de conhecimento e de comunicação. A constituição do campo literário seria, portanto, uma engrenagem que articula, sincronicamente, a produção, a circulação e o consumo da obra enquanto material artístico. Nesse processo, o autor se torna um edificador de ideias, construindo a obra ao mesmo tempo em que é constituído pelo campo literário (BOURDIEU, 1996).

No tocante a esta questão, é interessante a relação construída por Miceli (1977) ao apontar a fragilidade da atividade literária na *Belle Époque* brasileira, período no qual se inscrevem as obras de Lima Barreto. Como, então, inexistia um mercado editorial fortificado, uma parte significativa dos literatos brasileiros da Primeira República dependia dos grupos dirigentes para alcançar publicação, mas a ascensão da imprensa contribuiu para a configuração de um novo

panorama que aproximou a literatura, do ponto de vista do estilo narrativo, da produção jornalística. Esta característica mais fluida do texto literário é uma marca evidente na diegese do conto em análise, que apresenta um cenário catastrófico de embate social e degradação humana a partir das experiências de um alquimista misterioso que descobre um método de transformar ossos humanos em ouro. O processo narrativo é permeado por sátiras e ironias e culmina numa visão dantesca da condição humana atijada pela ambição. O quadro de disputas inconsequentes e a ausência de ordenamento estatal acabam destituindo o ser humano de uma perspectiva moral, no sentido da conduta social ideal, calcada em valores religiosos e patrimoniais, pois a possibilidade de constituir riqueza “acaba precipitando sobre o cemitério toda a população do vilarejo, certa de que, profanando os túmulos, encontrará a cobiçada opulência.” (HOLANDA, 1975, p. 141).

Lima Barreto assume, neste ponto, um papel fundamental na instituição de uma literatura absolutamente verista no que se refere ao contexto sociocultural e político brasileiro. O autor recria simbolicamente as disputas entre as oligarquias rurais e a nova burguesia ascendente, ainda, nos termos de Miceli (1977), amplamente marcada pelos vícios coloniais do tradicionalismo, do patrimonialismo e do patriarcalismo, aspectos que conformam as bases da política patriarcal e da cordialidade (HOLANDA, 1995) como características fundantes da cultura nacional.

O conto em estudo ressignifica simbolicamente o contexto sociopolítico da República Velha com ares de crítica, ironia e sátira, muito peculiares ao estilo do autor. Narrado em terceira pessoa, encontra-se dividido em três partes que

funcionam, no complexo narrativo como uma espécie de atos que conduzem, gradativamente, o leitor, como expectador, ao clímax de uma cena de horror que devasta a cidade e degrada a condição humana. O título reporta à corrida do Ouro na cidade da Califórnia, nos Estados Unidos, no ano de 1848, quando o metal foi anunciado como a nova promessa de riqueza. Nos termos de Rawls (1999, p. 05) a corrida do ouro na Califórnia norte americana despertou a perspectiva de um lucro fácil: “the promise of great wealth, obtained quickly and easily, had a universal appeal. Few could resist its allure” (1999, p. 05).

A busca pelo ouro se configura, no conto, como um chamariz da riqueza que permitiria a todos lograr uma posição socioeconômica melhor de forma fácil. Evidencia-se no conto a conduta impensada, febril, que movimenta a ambição humana, despindo o homem de qualquer preocupação moral, haja vista que a perspectiva de abastança acomete, na trama, os mais ricos e os mais pobres em condição de igualdade. A cena final revela a vil situação humana de vivos em busca de mortos que se tornam mortos em busca de um Eldorado que poderia ser construído, fabricado e não mais apenas disputado geográfica e historicamente.

Nota-se aqui, o fascínio que o ouro exerce enquanto signo de riqueza. Uma referência historicamente constituída que, de acordo com Galeano (2000) empurra o homem para a animalização, como porcos famintos. Essa desordem moral, atrelada à degradação humana são os panos de fundo utilizados por Lima Barreto para tecer uma crítica severa, nem por isso menos irônica, à precariedade da ordem política nacional. Evidencia-se aqui, a presença de um Estado patrimonial, constituído pela cordialidade e pela política personalista que

se revela em personagens caricaturescos, típicos da efabulação do autor, conforme se busca desenvolver a seguir.

3. ORDEM, DESORDEM: CRÍTICAS E CARICATURAS EM A NOVA CALIFÓRNIA

A linguagem fluida que perpassa a estrutura narrativa revela um estilo despojado, diametralmente oposto ao beletismo e ao retoricismo que dominaram a arte no fim do século XVIII. O conto está estruturado de maneira a apresentar, gradativamente, a instauração do caos por meio da revelação das características morais e psicológicas dos personagens que, de pacatos, comedidos e honrados cidadãos, transformam-se, pela ambição, nos porcos famintos a que Galeano (2000) se referiu, quando infectados pela febre do ouro.

A estrutura narrativa inicia com a especulação do mistério, de modo a captar a atenção do leitor desde a primeira informação: “Ninguém sabia de onde viera aquele homem” (BARRETO, 1980, p. 71). Observa-se aqui a referência ao estranho no ninho: a presença de estranhos destoa da paisagem local, ordinariamente matizada pelos traços patrimoniais da vida social. A apresentação deste fato antecede qualquer informação de tempo e espaço, apenas deixa entrever a ideia de uma cidade do interior pela forma como a presença do estranho aguça a curiosidade da população. A especulação se torna mais enfática na medida em que se percebe, na figura estranha, a imponente imagem do homem letrado, posto que o carteiro entregava-lhe “cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arrevesadas, livros, pacotes...” (BARRETO, 1980, p. 71). O título do saber se confirma com o relato do

pedreiro que é contratado para construir um inusitado forno na sala de jantar do forasteiro e encontra ali “balões de vidro, facas sem corte, copos como os da farmácia” (BARRETO, 1980, p. 71). Os objetos incomuns são associados pelo narrador à cozinha do diabo, construindo com isso uma metáfora fortíssima da exploração da ignorância popular, que é acirrada quando o carreiro, em viagem, vê fumaça na chaminé do forasteiro, indicando que o forno misterioso estaria ativo.

Cumprido ressaltar que estes três personagens, o carteiro, o pedreiro e o carreiro, não são meros adornos ilustrativos para dar seguimento à narrativa. Trata-se de populares, iletrados e perfeitos representantes do que Holanda (1995) descreve como trabalhadores braçais, que obedecem a ordens. Essa alusão funciona no conto como estratégia para denunciar a manipulação da população que vota, de acordo com Leal (2012), sob a regência do mandonismo dos representantes do poder e do saber, retomando o paradigma da desorganização política e social. Tanto é assim que a insurreição contra o forasteiro é contida pela intervenção do farmacêutico, referência local do notório saber, o ‘doutor.’

Nesse ponto, tem início a crítica mordaz que Lima Barreto faz à figura do doutor como elemento de subjugação popular e de dominação política. O trabalho de Bastos, o farmacêutico, qual o de Flamel, o químico forasteiro e o de Pelino, o gramático, constituem uma oposição clara ao trabalho braçal e mecânico, que não dignifica o homem: “o trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros” (HOLANDA, 1995,

P. 83). Há, no conto, uma crítica ao distanciamento intelectual dos cientistas que, neste caso, são elevados à condição de homem acima de outros homens: “no vício do bacharelismo ostenta-se também nossa tendência para exaltar acima de tudo a personalidade individual como valor próprio, superior às contingências” (HOLANDA, 1995, p.157). Não é senão isso que se espelha na passagem:

De tarde, se o viam a passear pela margem do Tubiacanga, sentando-se aqui e ali, olhando perdidamente as águas claras do riacho, cismando diante da penetrante melancolia do crepúsculo, todos se descobriam e não era raro que às “boas noites” acrescentassem “doutor.” (BARRETO, 1980, p. 72).

O levante popular contra o químico é contido pelo farmacêutico, que vê no forasteiro a possibilidade de um par intelectual e, quiçá, de dominação política, posto que o intelectual, no sentido desenvolvido por Gramsci (1982), organiza a estrutura e o funcionamento social, estabelecendo nesse processo sua relação com a sociedade de modo a delimitar e a tangenciar as relações culturais de um grupo. Esta função é desempenhada em virtude de sua racionalidade e de sua capacidade de organização social, a qual pode ser entendida, sem muitos arabescos, como possibilidade de dominação. É o que se nota no discurso em que Flamel apresenta a Bastos sua proposta, evidenciando que a descoberta deveria ficar entre pares intelectuais: “precisava de três pessoas conceituadas que fossem testemunhas de uma experiência dela” (BARRETO, 1980, p. 73).

A única contraposição à recondução da imagem do químico perante a sociedade local surge de outro representante da intelectualidade, o gramático Pelino, que representa no conto o auge da caricatura do doutor entalhada num

sujeito grotesco, dado a preciosismos de linguagem que o distanciavam por completo das relações sociais, pois não conversava, apenas interpunha correção gramatical aos argumentos alheios, enfatizando seu “apostolado vernaculista” (BARRETO, 1980, p. 72). Há nessa caricatura uma clara crítica à linguagem excessivamente burilada que distanciava a arte da missão que Lima Barreto a atribuía, de crítica social e, nos termos de Holanda (1978), de redenção de sua própria condição como escritor e artista marcado pela condição social e étnica.

Tem-se assim, três figuras emblemáticas do bacharelismo criticado por Lima Barreto: o químico Flamel, circunspecto, distante e conquistador, o farmacêutico Bastos, oportunista político e o mestre-escola Pelino, preciosista e tolo. Esta trinca não se sustenta até o fim da narrativa: o tolo sucumbe à desinteligência, o espertalhão, apesar de apanhado em flagrante, foge com “seu potosi e o seu segredo” (BARRETO, 1980, p. 77) e o sisudo químico desaparece assim como surgiu, misteriosamente, deixando para trás a desordem instaurada.

A estrutura do conto, que somente na terceira parte situa o leitor no tempo-espaço, funciona literariamente como uma forma de chamar a atenção para os acontecimentos, levando leitor a circunscrever o fato no tempo-espaço quando já é possível antever o estouro de um grande conflito decorrente daí. A evidenciação da ação antecipada de sua situação cria um efeito de valorização do sujeito independente de sua condição moral, pautando-se única e exclusivamente em sua situação social: esta é uma das fragilidades de ordem pública da sociedade patriarcal denunciada no conto. Observa-se que a identificação de uma cidade pacata, embora antevista desde o início da narrativa, só é apresentada no início da terceira parte. No entanto, até a revelação da

descoberta insólita – a fabricação de ouro a partir de ossos humanos – que permitiu vislumbrar a possibilidade de riquezas infinitas, nenhuma pessoa subvertia a ordem. A revelação apresenta sujeitos que passam a agir atendendo a uma mentalidade cultural corriqueira do cotidiano brasileiro. Ou seja, desvela-se aqui o comportamento expansivo comum das práticas sociais e culturais nacionais, qual o apresenta Holanda (1995) e DaMatta (1997), as discorrer sobre o modo de navegação social comum do brasileiro.

Partindo do princípio de que Tubiacanga era uma cidade pacata onde, até então, não havia nenhum crime, estabelece-se no conto uma sequência de desordens que culminarão na instauração do caos: a primeira desordem é percebida pelo coveiro, que nota o sumiço dos ossos no cemitério. Este fato não só retoma a condição alienada e insipiente dos populares em face dos acontecimentos que os circundam como evoca a ideia da profanação de um espaço sagrado, no sentido desenvolvido por Eliade (1992). O cemitério é uma imagem icônica do sossego, cuja profanação reflete no desassossego de Tubiacanga, uma cidade túmulo profanada pela curiosidade e euforia, fato que desenlaça a segunda desordem instaurada, obrigando o subdelegado a organizar a guarda. A incomum ação do representante da lei evidencia que a paz social é suplantada pela agitação: “e a vila vivia em sobressalto” (BARRETO, 1980, p. 75).

A presença e ação da guarda para evitar o infortúnio da profanação do cemitério culmina numa terceira cena de antecipação da desordem: o flagrante dos ladrões espancados pelos guardas. A revelação da identidade dos malfeitores cria um novo alarido de forte impacto social: eram nobres cidadãos. Aqui se

assenta o tom mordaz da crítica de Lima Barreto, pois os representantes do saber e da conduta ilibada são apanhados na ilegalidade. Para além disto, é interessante ressaltar a crítica mordaz a uma certa “prostituição” política da intelectualidade: os intelectuais passam a ser vistos como sujeitos que também se encaixam no projeto patrimonialista de *status* e privilégios.

Deste ponto em diante, a desordem social é refreada apenas pela réstia de moral que pode conter os anseios humanos diante da possibilidade da riqueza fácil. Diante da revelação que motivou a profanação, enuncia-se o sonho da busca pela satisfação pessoal: “as necessidades de cada um, aqueles ossos que eram ouro, viriam a anteder, satisfazer e felicitá-los” (BARRETO, 1980, p. 76).

A conduta moral define-se diante da necessidade popular de que o segredo seja esclarecido e revelado e, nesse afã, somente a força impede uma nova desordem: a invasão da casa do boticário que detinha o conhecimento da fórmula. A explicação do farmacêutico abrandava a fúria popular que se retira “tendo na cabeça um único pensamento: arranjar imediatamente a maior porção de ossos de defunto que pudesse” (BARRETO, 1980, p. 76). Esse lance narrativo revela o misto de tensão e sonho que marca o fim da conduta moral dos cidadãos. Enleia-se a partir daqui, um jogo de embustes em que cônjuges, pais e filhos, eruditos e populares homens da lei e homens sem lei, todos se revelam dissimuladores em detrimento da possibilidade de obter o maior número possível de ouro. A narrativa cria, nesse ponto, um interessante clima de suspense e mistério que retoma a calma comum de Tubiacanga, levando o leitor a imaginar as formas pelas quais a ambição humana se projeta na mente de cada indivíduo refreado apenas pela luz do dia.

A noite enuncia a selvageria humana em busca do El Dourado numa corrida que não requer apetrechos de viagem como a dos garimpeiros que migraram à Califórnia. Esta nova Califórnia é mais próxima, mais fétida, mais sangrenta e mais desumana, evocando muito cedo o que o narrador qualifica como desinteligência, pois diante da ambição humana desmedida “os mortos eram poucos e não bastavam para satisfazer a fome dos vivos”. (BARRETO 1980, p. 76).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metáfora da desinteligência atinge o auge da ironia na passagem em que o narrador apresenta o erudito Pelino, nunca dantes afeito a aproximações, agora em combate corporal: “Pelino esfaqueou o turco por causa de um fêmur” (BARRETO, 1980, p. 77). Tem-se aqui a desfiguração do organizador da cultura em face do conforto que status fornece e garante, finalizado pelo jogo de interesses da sociedade econômica na qual o doutor, sem posses, não é mais que um mero tolo que julga ter conhecimento. Por fim, é interessante o observar o trágico fim da degradação humana na imagem cruel e irônica de um filho que evoca o pai a profanar a sepultura da própria mãe sob o pretexto de que “ela era tão gorda” (BARRETO, 1980, p. 77). A expressão do garoto se constitui num dura – nem por isso menos irônica e cômica – imagem de uma sociedade de interesses: o homem reduzido a um animal fuçador de túmulos, despido de qualquer sentimento moral ou afetivo, metamorfoseado pelo vil metal.

O conto termina com um final explicitamente irônico que retoma a ideia da usurpação da sociedade patrimonial: enquanto os vivos se consomem,

conformando uma sociedade de pacatos cidadãos mortos, o farmacêutico, nobre representante do saber e da organização social, foge com o segredo sob o guarda-voz das estrelas e à vista de um único sobrevivente, o bêbado Belmiro, metáfora irônica da sobriedade, pois permanece vivo e indiferente ao ouro, à fuga do farmacêutico e à carnificina de sua cidade.

5.REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. A nova Califórnia. In: PRADO, Arnoni. *Lima Barreto: seleção de textos, notas e estudos biográficos*. São Paulo: Abril, 1980. p.71-77.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FAORO, R. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 3. ed. São Paulo: Globo, 1985.

FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Cobra de vidro*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

---. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MICELI Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha: estudo clínico dos anatolianos*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

RAWLS, James J.; ORSI, Richard J. *A Golden State: mining and economic development in Gold Rush California*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.